

ASPECTOS ECONÔMICOS E OPORTUNIDADES NO MERCADO DE CAFÉS DE QUALIDADE¹

José Matheus Yalenti Perosa², Luiz Henrique Fortti de Abreu³

ABSTRACT

ECONOMIC ASPECTS AND OPPORTUNITIES IN THE MARKET OF QUALITY COFFEES

The demand for special coffees has been constantly increased, representing about 2% of the aggregate demand for coffee in Brazil. There is a small number of studies analyzing concrete experiences of participation of economic agents in this segment. The objective of this study was to analyze economic aspects, risks, and opportunities of participation in this market segment. This process was analyzed considering the institutional environment, as well as transactions characteristics among production, processing, and distribution agents. A price and cost research was performed in those spheres. The results showed the existence of profitable opportunities. In the analyzed case, the participation of special coffees has increased in the market, from 2002 to 2006.

KEY-WORDS: *Coffea arabica*; market segment; margins.

RESUMO

A demanda por cafés de qualidade é cada vez maior, representando, aproximadamente, 2% de todo o café consumido no Brasil. Existem poucos estudos que analisam experiências concretas de participação dos agentes econômicos nesse segmento. O objetivo do estudo foi analisar aspectos econômicos, riscos e oportunidades da participação de empresas neste segmento de mercado. Para esta análise, consideraram-se o ambiente institucional e as características das transações entre agentes de produção e o processamento e distribuição, com coleta de preços e apropriação de custos. Os resultados apontam para um espaço de oportunidades atraente. No caso analisado, ampliou-se a participação no mercado de cafés de qualidade, entre os anos de 2002 e 2006.

PALAVRAS-CHAVE: *Coffea arabica*; segmento de mercado; margens.

INTRODUÇÃO

O sistema agroindustrial do café constitui um dos mais importantes setores do agronegócio brasileiro. O Brasil é o maior produtor mundial de café e a qualidade do seu produto vem sendo reconhecida internacionalmente. Em 2004, as exportações de café representaram 1,81% do total das exportações brasileiras. Em 2005, essa participação subiu para 2,35%, em grande parte devido ao aumento do preço médio obtido nas exportações, que passou de US\$ 74,43 para US\$ 111,68 /saca. Em 2006, o preço médio foi de US\$ 119,07 /saca exportada e as exportações de café representaram 2,13% do total (Brasil 2006).

O mercado interno de café é o segundo maior do mundo e tem apresentado consumo crescente nos últimos cinco anos. Estudos apontam que 92%

da população brasileira são consumidores de café (Interscience 2004) e que, entre 2003 e 2006, o consumo interno evoluiu 19,2%, passando de 13,7 milhões de sacas para as atuais 16,33 milhões (ABIC 2007).

A demanda por cafés de qualidade é cada vez maior. Enquanto o consumo de café no mundo cresce em torno de 1,5% ao ano, os cafés especiais, ou *blends* especiais, aumentam entre 10% e 12%. Nos últimos anos, essa demanda atingiu a marca de 260 mil sacas de 60kg, o que equivale a cerca de 2% de todo o café consumido no país. O Brasil ainda é visto, de forma bastante generalizada, como um fornecedor de grandes quantidades, enquanto outros produtores, como a Colômbia, Costa Rica e Guatemala, têm seu café mais valorizado e recebem um “prêmio” pela qualidade. Observa-se um movimento na busca pela qualidade,

1. Trabalho recebido em nov./2007 e aceito para publicação em jun./2009 (nº registro: PAT 3868).

2. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrônomicas, Campus de Botucatu, SP. E-mail: dede@fca.unesp.br.

3. Engenheiro Agrônomo. E-mail: labreu@griffo.com.br.

em várias regiões do país, com investimento tecnológico na produção e beneficiamento, como no caso do café “cereja descascado” (Coutinho 2002).

Estudos sobre o segmento de cafés de qualidade têm procurado analisar as oportunidades e riscos de uma forma ampla, incorporando tendências observadas em diferentes níveis de mercado. Experiências nesse segmento de mercado podem ser coordenadas por agentes econômicos e representantes das esferas da industrialização e/ou distribuição, como é o caso da Illycaffè, ficando os agentes da esfera da produção submetidos aos parâmetros de coordenação determinados.

O presente trabalho analisa a participação de uma empresa da esfera da produção, atuando em conjunto com a distribuição, na coordenação do processo. Por outro lado, experiências concretas de participação nesse segmento são direcionadas às empresas que delas participam, sendo pouco divulgadas. O objetivo do presente estudo foi analisar aspectos econômicos, riscos e oportunidades da participação de empresas, em uma experiência concreta desse segmento de mercado.

O espaço representado por um sistema de produção envolve relações de interdependência, que delimitam um campo de possibilidades de ações estratégicas de participação no mercado. O processo de agregação de valor entre produção e consumo envolve inúmeros agentes econômicos, com estruturas e ambientes distintos, com repercussões no sucesso ou falência de empresas no mercado. Nesse sentido, a análise de oportunidades requer um aparato sistêmico.

As relações estabelecidas entre firmas delimitam estruturas mais ou menos eficientes de coordenação. Tais estruturas de governança representam uma organização das transações efetuadas pelos agentes econômicos envolvidos, que podem se dar via mercado ou contratos. As instituições estabelecem as regras do jogo e têm influência na estrutura de governança adotada¹.

Nesse sentido, a participação de uma empresa da esfera da produção agrícola, na experiência estudada no presente trabalho, foi abordada, tendo como referência a delimitação dos agentes envolvidos e a descrição do ambiente institucional, assim como as características das transações entre os agentes, configurando uma estrutura de governança mista.

¹ O referencial para estudos de sistemas agroindustriais aqui adotado é explicitado por Farina (1997).

Para uma análise do mercado de cafés de qualidade, foram efetuados uma revisão de textos e levantamento de informações, junto a entidades constituintes do sistema agroindustrial (SAG), buscando-se a montagem de um panorama da situação presente. Mudanças no ambiente institucional são arroladas, como subsídio à compreensão das relações que se apresentam no caso concreto em análise.

Para a análise econômica de participação nesse segmento de mercado, foi feito um levantamento de preços e apropriação de custos, junto a empresas da esfera da produção, torrefação e distribuição. Essas empresas são componentes de uma experiência concreta de participação, iniciada em 2002.

Os preços coletados foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna, da Fundação Getúlio Vargas, em valores de dezembro de 2006.

O SISTEMA AGROINDUSTRIAL DO CAFÉ – SAG

O SAG do café envolve a participação de inúmeras empresas, nos diferentes elos da cadeia de produção. A partir de fluxograma mais abrangente deste SAG², foi selecionado um subsistema representativo do estudo de caso analisado, apresentado na sequência (Figura 1).

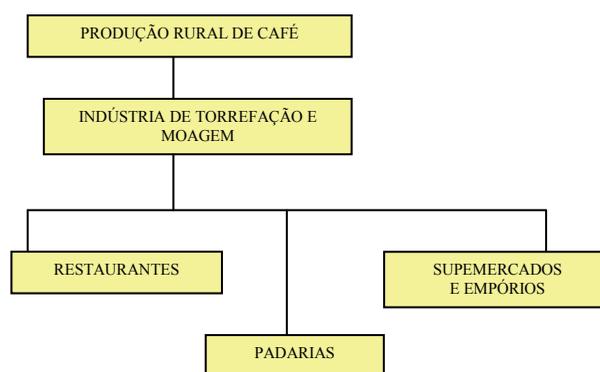


Figura 1. Fluxograma do subsistema selecionado.

A ESFERA DA PRODUÇÃO

Os principais Estados produtores de café são Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Juntos, representaram cerca de 83% da produção nacional,

² Para uma visão mais abrangente deste SAG, ver Zylbersztajn (1993).

Tabela 1. Produção brasileira de café, em milhares de sacas, nas safras 2001/2002 a 2006/2007 (Brasil 2007).

UF/ Safr	Safr											
	2001/2002		2002/2003		2003/2004		2004/2005		2005/2006		2006/2007	
		%		%		%		%		%		%
MG	14.690	46,9	5.140	51,9	12.050	41,81	18.777	47,8	15.219	46,2	21.987	51,7
ES	7.550	24,1	9.325	19,2	6.610	22,94	6.795	17,3	8.070	24,5	9.009	21,2
SP	3.520	11,2	5.800	12,0	2.810	9,75	5.870	14,9	3.223	9,8	4.470	10,5
Brasil	31.300	100,0	48.480	100,0	28.820	100,00	39.272	100,0	32.944	100,0	42.512	100,0

na safra 2006/2007, tendo à frente o Estado de Minas Gerais, com 52%. No período considerado, o rendimento da cafeicultura nacional foi de 19,8 sacas/hectare e, em São Paulo, 23,8 sacas/hectare³. De acordo com a Conab (Brasil 2007), a produção nacional de café, da safra 2007/2008, deve variar entre 31,1 e 32,3 milhões de sacas de 60 quilos. A Tabela 1 mostra a evolução da produção de café no Brasil e a participação dos principais Estados produtores, no período 2001-2006.

A propriedade rural estudada, no presente trabalho, está situada no município de São Manuel (SP). Possui 260 mil pés de café em produção. O café é produzido numa altitude média de 750 m e as variedades são Catuai, Mundo Novo, Icatu e Catuai. Nos últimos anos, foram feitos investimentos específicos para a lavoura de café, como na pós-colheita (lavador, descascador, desmucilador, secador, máquina de beneficiamento e armazenagem). Toda essa infraestrutura contribui para a melhoria da qualidade no processamento, na propriedade.

Parte da produção reservada para torrefação é constituída por um *blend* de cafés naturais e cerejas descascados. O restante da produção é de qualidade inferior e/ou não compatível com os padrões exigidos na torrefação e é comercializada no mercado de *commodities*.

A INDÚSTRIA DE TORREFAÇÃO E MOAGEM

Estima-se que a indústria de torrefação e moagem seja formada por 1.215 empresas, sendo a maior parte delas sediadas na região Sudeste (59%), seguida pelo Sul e Nordeste, com, aproximadamente, 15% cada. A Tabela 2 mostra a participação das empresas no total de café torrado e moído (ABIC 2006).

Tabela 2. Volume mensal e participação por grupos de empresas (associadas + não-associadas), considerando-se somente café torrado e moído. Brasil, safras 2004/2005 e 2005/2006 (ABIC 2007).

Grupo	2004/2005		2005/2006	
	Volume mensal	Participação	Volume mensal	Participação
	sacas 60 kg	%	sacas 60 kg	%
5 maiores	407.852	33,45	474.119	36,93
10 maiores	523.521	42,94	588.433	45,84
20 maiores	582.220	47,76	652.350	50,82
30 maiores	616.765	50,59	690.127	53,76
50 maiores	670.279	54,98	744.030	57,96
100 maiores	727.361	59,66	803.541	62,60
Total geral	1.219.114		1.283.682	

De acordo com a Tabela 2, os 5 maiores grupos de empresas no país são responsáveis por 37% da oferta de café torrado e moído. As 100 maiores participam com 63%.

Desde 1990, com o fim da regulamentação, verifica-se uma intensificação da concorrência, ampliada pela entrada interna e potencial de novas empresas. O resultado tem sido um aumento da concentração, decorrente tanto da liberação de preços e do controle da entrada de novas empresas⁴, quanto de mudanças tecnológicas, tais como a tecnologia de embalagem a vácuo, introduzida desde meados dos anos 1980, que viabilizam estratégias nacionais de concorrência, dado o aumento da vida útil do produto.

A intensificação do processo de concentração está relacionada com as economias de escala no setor⁵. Mesmo entre os dois anos considerados na Tabela 2, pode-se verificar uma concentração no

³ Fonte: Dezembro de 2006 / Convênio: MAPA - S.P.A.E / CONAB (Brasil 2007)

⁴ Estudo realizado pelo PENZA indicava que, com US\$ 35 mil, poderia ser instalada uma pequena torrefadora (Zylbersztajn et al. 1993)

⁵ Quanto maior a produção e/ou distribuição, menor é o seu custo médio.

setor. Em que pese essa concentração, há indicações de que, recentemente, a indústria não tem conseguido repassar para o varejo incrementos de preços da matéria-prima. Além da concorrência entre grandes empresas, a compressão da margem é agravada pela participação significativa das redes de supermercados, no total das vendas do café torrado e moído, que têm como estratégia principal negociar preços com margens muito baixas para o fornecedor.

O crescimento da demanda atrai o grande capital, com maiores vantagens de escala, conformando um novo ambiente competitivo na indústria. Atualmente, as 5 maiores empresas responsáveis por 37% do café torrado e moído, por ordem de classificação, são as seguintes: Sara Lee Cafês do Brasil Ltda. (SP), Santa Clara Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. (CE), Indústrias Alimentícias Maratá Ltda. (SE), Melitta do Brasil Indústria e Comércio Ltda. (SP) e Café Damasco S/A (PR).

No presente estudo, a indústria torrefadora participante dessa experiência de mercado é de porte médio, localizada nas proximidades da área de produção. Tomando como base a classificação de indústrias de torrefação e moagem, desenvolvida pelo Programa de Estudos do Negócio Agroindustrial, essa empresa seria “média-típica”, com

[...] escala de produção maior que as de pequeno porte e concorrência via preço nos mercados popular e de classe média. Em geral mantém mais de uma marca, com diferentes níveis de qualidade (“marca de combate” e outra/s) para competir em estratos diferentes do mercado. Margens de lucro estreitas. Abrangência regional. Gerência profissional ou familiar. Presença de relações contratuais com varejistas na distribuição (Perosa & Abreu 2003).

Essa empresa participa como prestadora de serviço, no processamento do café oriundo da propriedade rural, nessa experiência de mercado, executando as funções de torrefação, embalagem e transporte até a cidade de São Paulo. A empresa de torrefação tem um contrato formal com a empresa de distribuição, em relação ao serviço prestado.

CONSUMO E PREÇOS NO VAREJO

Nas últimas quatro décadas, o consumo de café no Brasil apresentou dois períodos distintos: o

primeiro, de 1965 a 1985, com tendência decrescente, e o segundo, de 1985 a 2006, com tendência crescente, atingindo, neste último ano, valor superior àquele verificado em 1965. A Tabela 3 mostra o consumo doméstico de café, durante esses dois períodos, e a Figura 2 a evolução dos preços do café torrado no varejo, no período 1996-2006.

O comportamento do preço real do café torrado e moído no varejo seguiu em ritmo decrescente, até 2002, quando atingiu os menores valores (aproximadamente a metade daqueles verificados em 1996). Em meados de 2002, o mercado de café verde começou a reagir e os preços no varejo também voltaram a subir. Observa-se uma recuperação, até 2005, sem atingir, no entanto, os valores verificados em 1996. Em 2006, observa-se um pequeno declínio.

É nesse período de preços em ascensão, que se iniciam as operações de acordo comercial, entre os agentes da cadeia. O segmento que atua no varejo de café, no presente estudo, é uma empresa no ramo de distribuição de alimentos, sediada na cidade de São Paulo. O foco

Tabela 3. Consumo interno de café, em sacas e per capita. Brasil, 1965-2006 (ABIC 2007).

Ano	Total (inclusive solúvel)	Evolução 1965 = 100	kg café torrado	Evolução 1965 = 100
	milhões de sacas		kg/habitante/ano	
1965	8,1	100,0	4,72	100,0
1985	6,4	79,0	2,27	48,1
1990	8,2	101,2	2,71	57,4
1995	10,1	124,7	3,11	65,9
2000	13,2	163,0	3,81	80,7
2001	13,6	167,9	3,91	82,8
2002	14,0	172,8	3,86	81,8
2003	13,7	169,1	3,72	78,8
2004	14,9	184,0	4,01	85,0
2005	15,5	191,4	4,11	87,1
2006	16,3	201,2	5,34	113,1

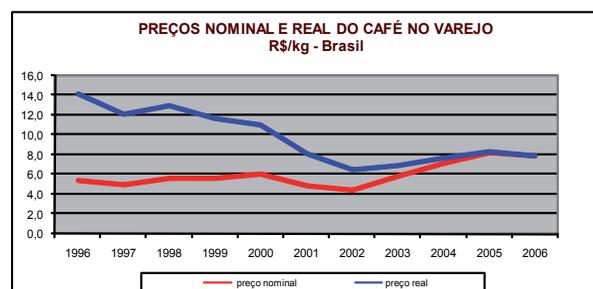


Figura 2. Preço nominal e real do café no varejo, com preço real em valores de dezembro 2006 (IGP-DI/FGV). Brasil, 1996-2006. Adaptado de ABIC (2007).

da empresa está direcionado para produtos do segmento de panificação, incorporando outros produtos afins, com clientela já estabelecida. A empresa opera com vendedores autônomos, pagando uma comissão de 5% sobre o valor da venda. Além do custo representado pela comissão, foi estimado, também, o custo de estocagem e transporte, a partir de informações coletadas *in loco*. Dessa maneira, os custos de distribuição do café são pertinentes a essa firma, não representando, de forma mais ampla, possibilidades de distribuição em outros segmentos de mercado.

INDICADORES ECONÔMICOS DOS AGENTES NO MERCADO

Para análise das oportunidades de mercado, no segmento de cafés de qualidade, foram coletadas informações econômicas, dos agentes que atuam nos diferentes elos da cadeia, no caso concreto estudado. A partir dessas informações, foram elaborados índices e indicadores, que subsidiam a análise das oportunidades e riscos dessa participação.

A apropriação de custos, levada a termo no presente trabalho, se refere ao custo operacional (Figueiredo 1997). Da mesma forma, entre os indicadores, a margem líquida calculada se refere ao lucro operacional, definido como a diferença entre receita e custo operacional.

CUSTOS AO LONGO DA CADEIA

1. Produção da matéria-prima

Custo operacional/saca de 60 kg de café verde (em R\$)	164,00
Custo operacional/ kg de café verde (em R\$)	2,73
<i>Impostos</i>	0,48
Custo total/ kg de café verde (em R\$)	3,21

Fonte: pesquisa de campo

2. Processamento: torrefação, embalagem e transporte

Torra café: R\$/kg	2,17
<i>Impostos</i>	0,22
Perda de café na torra (20%)	1,03
Embalagem alumínio com válvula 1 kg	0,58
<i>Impostos</i>	0,22
Rótulo colante, para alumínio	0,32
Rótulo colante para embalagem de 5 kg	0,06
Re-embalagem kraft	0,03
<i>Impostos</i>	0,01
Frete Botucatu-São Paulo	0,40
Custo de processamento e transporte/kg	5,04

Fonte: pesquisa de campo

3. Distribuição:

Frete distribuição na cidade de São Paulo	0,21
Comissão da distribuição (5% do preço de venda)	0,85
<i>Impostos</i>	1,98
Remuneração do varejo (25% do preço de venda)	4,25
Custo da distribuição na cidade de São Paulo/kg	7,29

Fonte: pesquisa de campo

PREÇOS NOS DIFERENTES NÍVEIS DE MERCADO

1. Preço pago ao produtor: R\$ 310,00/saca de 60kg R\$ 5,17/kg;
2. Preço de atacado⁶: R\$ 10,21/kg de café torrado e moído;
3. Preço de varejo: R\$ 17,00/kg de café torrado e moído.

APROPRIAÇÃO DAS MARGENS BRUTAS

1. Margem total de comercialização = 69,6%
Margem do atacado = 29,6%
Margem do varejo = 39,9%
2. Parcela retida na produção = 30,4%

INDICADORES ECONÔMICOS

1. Na produção:
 - Margem Líquida (ML): R\$ 5,17-3,21 = R\$ 1,96/kg de café verde;
 - ML apropriada na produção = 11,53% do preço final;
 - ML/receita: 37,91%;
 - ML/despesa: 61,06%.

2. No processamento: não foi possível uma apropriação detalhada dos custos de processamento, tendo sido estimado, junto ao segmento, o valor líquido apropriado nessa esfera, em 75% sobre o preço da torra: R\$ 2,17*0,75 = R\$ 1,73/kg de café torrado e moído.
 - ML apropriada no processamento = 10,18% do preço final.

3. Na distribuição: custos estimados⁷
 - Margem líquida (ML): 4,25*0,7 = R\$ 2,97/kg de café torrado e moído;
 - Margem apropriada na distribuição = 17,5% do preço final.

⁶ Para efeito de análise, foi considerado como preço de atacado o somatório do preço pago ao produtor, acrescido do valor cobrado pela torrefação, no preparo e embalagem da matéria-prima.

⁷ Custos de administração, armazenamento e outros, na distribuição, foram estimados em 30% da remuneração do distribuidor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados econômicos obtidos, algumas considerações se fazem necessárias. O preço recebido pelo produtor deve cobrir os custos totais, fixos e variáveis. Os custos decorrentes da amortização de investimentos realizados na esfera da produção foram apropriados, a partir do pagamento das anuidades⁸. Esse custo não é desprezível e representa cerca de 10% do custo total apropriado no estudo. Nesse sentido, a margem líquida de 11,5% do preço final se constitui em atraente atividade de investimento, quando considerada a médio e longo prazo, uma vez que o custo operacional irá se reduzir, quando houver amortização total dos investimentos feitos.

Considerando-se que os preços no varejo, verificados em 2005 e 2006, foram superiores àqueles observados no início da experiência, a margem retida na produção torna-se significativa.

Por outro lado, a participação no mercado de cafês de qualidade envolve uma série de riscos. Em primeiro lugar, envolve a necessidade de investimentos em ativos específicos, na esfera da produção, que representam um risco considerável, face à instabilidade de preços. Em tal situação, é pertinente uma forma organizacional que minimize tais riscos. No caso específico, estudam-se contratos entre os agentes econômicos, nas esferas da produção, processamento e distribuição. A relação entre a distribuidora e o processamento foi estabelecida através de um contrato formal de terceirização de serviços de torrefação, embalagem e transporte, na cidade de São Paulo. Já a relação entre a produção e a distribuição foi estabelecida informalmente, com determinação das margens e do preço final a ser cobrado no varejo.

Se, por um lado, essa experiência se constitui em oportunidade atraente, no segmento de cafês de qualidade, mantidas as margens do processamento e distribuição, uma queda de 11,59% no preço de varejo praticamente inviabiliza, economicamente, a participação da produção nesse mercado⁹.

Frente a essa realidade e aos investimentos efetuados na produção, é fundamental uma estratégia de participação, que procure minimizar riscos e sedimentar essa participação no mercado.

⁸ O empréstimo para investimento, com recursos do FINAME, está sendo amortizado em 6 anos. No custo operacional, está computada uma parcela anual.

⁹ Considerando-se uma futura redução dos custos, quando houver amortização total dos investimentos, há uma margem um pouco maior para queda de preços.

A primeira ação nesse sentido seria a concretização formal de um contrato de médio prazo, que viabilizasse os ativos específicos e o custo operacional e garantisse uma margem de lucro às atividades na produção. No caso estudado, a margem retida na esfera do processamento é muito elevada. Há indicações de mercado de que o valor de R\$ 2,17/kg, estabelecido na torra de café, está acima daquele cobrado por outras torrefadoras, com indicações de que o mesmo possa ser conseguido por até R\$ 1,50. A concretização de um contrato formal, de médio prazo, necessita, pois, de uma renegociação das margens apropriadas, pelos agentes da cadeia.

Frente à estratégia de participação, nesse segmento de mercado, com garantia de qualidade e uma política agressiva de preços, como mecanismos de competição, a existência de contrato formal é de suma importância.

A segunda ação é derivada da estratégia adotada. Para a manutenção de uma política agressiva de preços no varejo, a possibilidade de aumento da concorrência, a médio prazo, pode requerer uma redistribuição das margens apropriadas entre os elos da cadeia e/ou uma redução de custos. Dada a configuração das estruturas de mercado em que os agentes econômicos estão participando (produção, torrefação e distribuição de alimentos), é lícito esperar uma certa rigidez na apropriação das margens, embora isso seja possível na esfera do processamento. Frente a essa configuração de mercados, uma redução do preço de varejo, seja induzida por considerações de ordem macroeconômicas, seja pela concorrência entre as firmas, deve se refletir na esfera da produção, com maior intensidade. Nesse sentido, é fundamental investimentos em tecnologias voltadas ao aumento de produtividade e redução de custos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO CAFÉ (ABIC). *Características da indústria de café torrado e/ou moído*. São Paulo: ABIC, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO CAFÉ (ABIC). *Indicadores da indústria de café no Brasil*. 2007. Disponível em: <<http://www.abic.com.br/estatisticas.html>>. Acesso em: 17 abr. 2007.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Secretaria de Comércio Exterior. *Estatísticas*. 2006. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 16 abr. 2006.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). *2º Levantamento do Café*. 2007. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 15 jun. 2007.

COUTINHO, L. (Coord.). *Estudos da competitividade de cadeias integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio*. Campinas: Unicamp, 2002.

FARINA, E. M. M. Q. et al. *Competitividade: mercado, Estado e organizações*. São Paulo: Singular, 1997.

FIGUEIREDO, R. S. Sistemas de apuração de custos. In: BATALHA, M. O. (Coord.). *Gestão agroindustrial*. São Paulo: Atlas, 1997. p. 349-436.

INTERSCIENCE: Projeto Tendências de Consumo II. 2004. Disponível em: <http://abic.com.br/arquivos/pesquisas/pesq_tendencias_consumo_nov04.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2007.

PEROSA, J. M. Y.; ABREU, L. H. F. Economic aspects in the market of quality coffees: a case study. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ECONOMIA E GESTÃO DE REDES AGROALIMENTARES, 4., 2003, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/ USP, 2003.

ZYLBERSZTAJN, D. et al. *O sistema agroindustrial do café*. Porto Alegre: Ortiz, 1993.